

## **A CASA, O PÁTIO E A JANELA SÃO CONTINENTES ARTÍSTICOS EM PELOTAS DURANTE A PANDEMIA DO COVID 19**

*THE HOUSE, BACKYARD AND WINDOWS ARE ARTISTICAL CONTINENTS IN PELOTAS  
DURING THE COVID 19 PANDEMIC*

**Bárbara Calixto dos Santos**

Graduanda em Artes visuais Bacharelado/UFPEL  
barbaracalixtods@gmail.com

**Rafael de Souza**

Graduando em Artes visuais Bacharelado/UFPEL  
rafael.souza.prof@gmail.com

**Eduarda Azevedo Gonçalves (orientadora da Pesquisa)**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>/UFPEL  
dudaeduarda.ufpel@gmail.com

**Maria Eduarda Lisboa Silveira**

Graduanda em Artes Visuais Bacharelado/UFPEL  
duda25lisboa12@gmail.com

### **RESUMO**

A comunicação proposta versa sobre três trabalhos artísticos oriundos de estudos junto ao Projeto de Pesquisa “A casa, as janelas e as redes sociais como continentes dos fazeres e da partilha da arte contemporânea durante e após a pandemia do COVID -19, a partir do sul do Brasil.” vinculado ao Grupo de Pesquisa DES.LOC..C (Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas- CNPq/UFPEL). A partir de deslocamentos na casa devido ao isolamento social, desenvolvemos práticas e pensamentos que reverberam questões sobre a falta de moradia, a atenção às circunstâncias e situações da casa, como o que brota no pátio e o que as janelas acolhem. Sendo assim, evidenciamos as relações interpessoais, nas relações ser humano/mundo contemporâneo e a resignificação de elementos cotidianos em busca de motivações artísticas em meio ao isolamento social. As produções apresentam pontos de vista e resultados práticos diferentes entrelaçadas pelas inquietudes causadas e/ou propulsionadas por motivações artísticas comuns e individuais. Nos referimos, entre outros autores e artistas, à concepção de paisagem a partir de Anne Cauquelin, o mundo abrigo de Hélio Oiticica e as considerações de autores como Krenak sobre Como Adiar o fim do mundo.

**Palavras-chave:** A partir do Sul; Deslocamentos; Casa; Pandemia covid-19; Pesquisa em Artes.

### **ABSTRACT**

The proposed communication deals with tree artworks from studies with the Research Project “The house, windows and social media as a receiver of the doings and sharing of contemporary art during and after the COVID-19 pandemic, from southern Brazil linked to the Research Group DES.LOC C (Displacements, observances and contemporary cartographies CNPq/UFPEL). From displacements in house due the social isolation, we developed practices and thoughts that echo issues about homelessness, attention to circumstances and situations in the house, such as what sprouts in the backyard and what windows welcome. Therefore, we highlight the interpersonal relationships, in the human being/contemporary world and the resignification of everyday elements in search of artistic motivations in the midst of social isolation. The productions present different points of view and practical results intertwined by concerns caused and/or driven by common and individual artistic motivations. We refer, among other authors and artists, to the conception of landscape based on Anne Cauquelin, the sheltered world of Hélio Oiticica and the considerations of authors such as Krenak on How to Postpone the End of the World.

**Keywords:** From the south; displacements; house; COVID-19; arts research.

O presente texto intitulado a A CASA, O PÁTIO E A JANELA SÃO CONTINENTES ARTÍSTICOS EM PELOTAS DURANTE A PANDEMIA reúne a produção poética dos bolsistas de iniciação científica Barbara Calixto (PBIP/UFPel) e Rafael de Souza (FAPERGS/UFPel) que desenvolveram o estudo teórico e prático a partir das orientações junto ao Projeto de Pesquisa “A casa, as janelas e as redes sociais como continentes dos fazeres e da partilha da arte contemporânea durante e após a pandemia do COVID -19, a partir do sul do Brasil.” vinculado ao Grupo de Pesquisa DES.LOC..C (Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas- CNPq/UFPEL), sob coordenação da profa. Dra. Eduarda Gonçalves. O Projeto foi criado em 2020 com o intuito de fomentar a produção artística nos dias de isolamento social ao desenvolver a atenção aos fazeres, movimentos, narrativas e olhares nos espaços que frequentamos no período de quarentena, e a revelar os sentidos da vida em contextos em que nos encontrávamos nos primeiros meses de restrições sanitárias. Igualmente, conceder um outro modo de estar na casa ativado pela ludicidade, e/ou a vulnerabilidade revelar-se lúdica. Sendo assim, estar em casa, numa condição protetiva contra um vírus revela a nossa força e a maneira pela qual nos colocamos na condição libertária da arte.

### **Intrapaisagens: elegias ao doméstico durante a pandemia de Rafael Souza**

Para remetermos ao processo de criação desencadeado pelos deslocamentos no pátio da casa surge a Intrapaisagem, o trabalho artístico de Rafael de Souza resultante de investigações surgidas em meio a pandemia do coronavírus. Quando ao se isolar de tal maneira que os momentos de apreciação da natureza, das ruas, pessoas e o contato com a vastidão e diversidade do mundo foram sendo suprimidos, sentiu a necessidade de criar alternativas para burlar, mesmo que metaforicamente, tal desagradável situação.

Intrapaisagens (fig. 1) constitui um conjunto de fotografias realizadas dentro dos parâmetros de sua morada, com o foco nos elementos insurgentes de seu pátio, mais especificamente, o musgo. Posteriormente algumas fotografias foram desdobradas em pinturas e stencils. A origem do trabalho se deu a partir de observações direcionadas a vegetação que crescia entre as rachaduras do piso do pátio e ao enquadramento das mesmas em angulações fotográficas rasteiras. Assim, desenvolveu uma série de fotos que distorcem as proporções do campo fotografado, transformando pequenos perímetros de musgos em grandes campos, pastos, e locais esquisitos para habitar e admirar durante o isolamento social. A partilha dos campos Intrapaisagísticos se dá através da Internet, por ‘websites’, como meu site pessoal, ou

exposições coletivas. Utilizando a ideia de elegia como alicerce poético para o desenvolvimento do conceito do trabalho, dialogou com o teórico Arthur Danto quando se refere à série de obras de Robert Motherwell intitulada Elegia à República Espanhola, onde Danto discorre:

As pinturas de Motherwell eram, em certo sentido, políticas – afinal, foram motivadas por um evento da história política da Espanha. Sua beleza patente era uma consequência natural de constituírem elegias, uma vez que elegias, pela sua natureza, são intencionalmente belas. De algum modo, a beleza da elegia tem a intenção de transformar a dor em algo suportável. (DANTO, 2018, p.14)

Inspirado nesta citação, encontrou um sentido maior em buscar a beleza de algo banal, considerado um inso nos jardins decorativos. Souza reconhece que durante a pandemia, quão trágico é o momento, e o descontentamento com a tristeza trazida por estes tempos, com os limites impostos pela peste, e é em meio ao convívio com a metodologia da pesquisa em arte que aventura-se no pátio da residência em busca de algo que provocasse a ponto de potencializar um outro modo de perceber o cotidiano. O encontro com o musgo, vegetação cotidiana, resistente e indesejada, abriu-se em paisagem, ao olhar de perto percebeu que naquele microcosmos do pátio poderia ser percebido, dependendo do enquadramento, como uma ampla área de relevo verdejante, e assim produzir uma imagem que nos convidaria a viajar e expandir alguns dos limites de nossos tempos e as invisibilidades de dias corridos que nos cegam diante das coisas ínfimas, mas potentes.

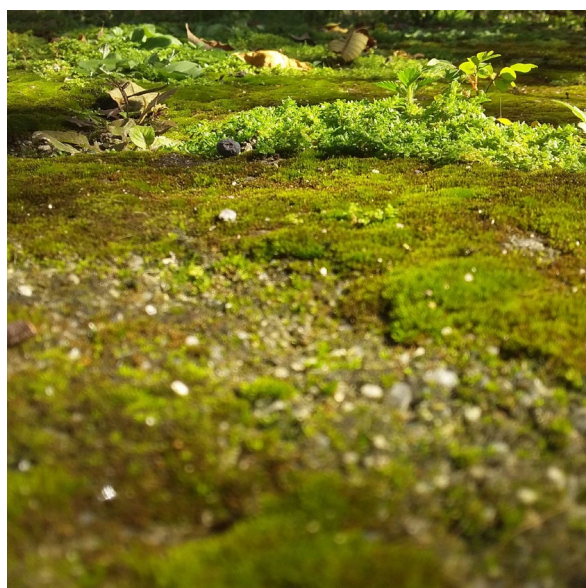


Figura 1: Intrapaisagens, fotografia digital, 2020

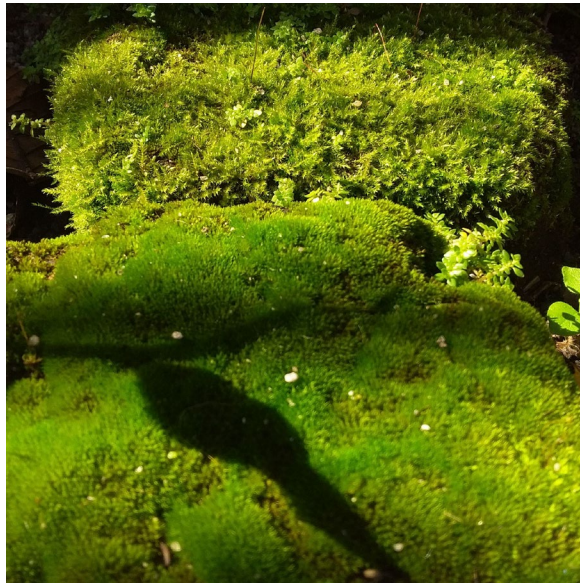


Figura 2: Intrapaisagens, fotografia digital, 2020.

### **Casa imaginada e Casa sem corpo de Bárbara Calixto**

O trabalho intitulado 'Casa sem corpo' começou a ser desenvolvido em 2020, quando Bárbara Calixto iniciou os estudos da iniciação científica junto ao Projeto de Pesquisa, nos primeiros meses da pandemia de covid-19, nas inúmeras tentativas de conter o avanço do vírus. A motivação que a levou a realizar estudos foi gerada ao olhar pela janela e ver uma pessoa em situação de rua. Naquele instante surgiu o questionamento: Onde as pessoas sem teto estavam se abrigoando naquele momento, na pandemia? Assim, em contato com os estudos sobre a arte no espaço doméstico iniciou o levantamento bibliográfico com textos relacionados a pandemia, a casa e os objetos na arte, políticas públicas de habitação, cidade e terrenos desabitados. Depois, organizou uma pasta com os textos na plataforma digital Google Drive e disponibilizou para colegas de estudos do projeto e para integrantes do grupo de pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC.

A partir de uma motivação pessoal dedicou-se à pesquisa no google street view para investigar se haviam muitas casas abandonadas e terrenos vagos próximos da residência, na casa do estudante da UFPel, em Pelotas. Com a quantidade considerável de terrenos achados através da plataforma, ficou ainda mais curiosa para saber quem estava dando visibilidade ou trabalhando com esta questão, até que por meio de investigações e indicações da orientadora pode verificar o interesse de outros artistas sobre o tema. A arquiteta e artista Louise Ganz revela por meio de intervenções e ações modos de ativar ludicamente terrenos baldios e ou com construções abandonadas. Louise Ganz revela que:

“A propriedade privada da terra não existia no Brasil colonial. Foram diversos os sistemas adotados para concessão de terras à elite portuguesa, a fim de explorá-las. Com a abolição da escravatura no final do século XIX, aumentou enormemente o número de pessoas que não possuíam terras. A distribuição de terras e a formulação e implementação de políticas públicas de urbanização estiveram historicamente representando os interesses das elites. Há uma endêmica e sistêmica falta de acesso à terra pela população de baixa-renda no Brasil, como resultado da concentração de propriedade nas mãos de poucos, da especulação imobiliária por esse grupo privilegiado de proprietários e da falta das necessárias reformas agrária e urbana”. (GANZ, 2004)

Segundo estudos do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica aplicada) a população em situação de rua cresceu 140% desde 2012 no Brasil e tem indícios de grave aumento devido à crise do coronavírus, muitas pessoas em situação de rua contam com a ajuda de algumas fontes, mas não o suficiente, têm que sobreviver a condições desumanas.

A partir destes dados, além das imagens e informações digitalmente salvas, começou a intervir nas imagens de casas desabitadas e terrenos vazios por meio de bordados e inserção de palavras. Logo lembrou da música “ A casa” de Vinicius de Moraes e decidiu fazer uma montagem na imagem da casa ( Fig.3) com a letra da música que no final se transformou em um cartão postal compartilhado na exposição online Cartas Pandêmicas, vinculado ao projeto Lugares- Livros coordenado pela Profa. Dra. Helene Sacco

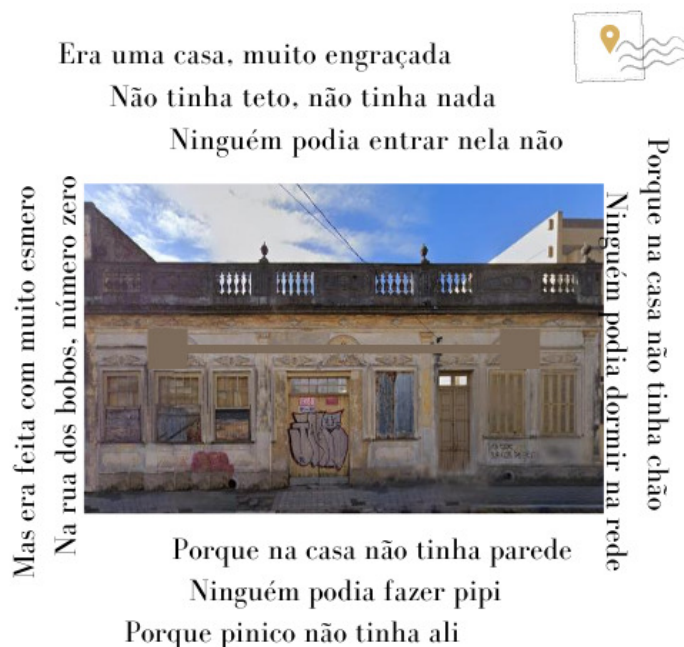


Figura 3: Cartão postal enviado ao projeto Cartas Pandêmicas, disponível em: <https://www.cartaspandemicas.com/>

Após o primeiro trabalho começou a pesquisar sobre as relações entre corpo e cidade e as experiências vivenciadas no espaço urbano, tendo em vista o conceito de “corpografias urbanas” de Paola Berenstein (2008). No fim de 2020 conheceu os trabalhos do artista Antony Gormley que foi uma importante referência com suas produções de figura humana para que pudesse desenvolver a primeira escultura. Logo, fez uma miniatura de um corpo humano com formas orgânicas e cor asséptica da cerâmica fria que contrasta com o cinza da rua, o corpo não tem um gênero específico nem olhos; nariz, boca ou ouvido. É um corpo sem fisionomia. Está em posição fetal e possui duas casas acopladas em sua superfície. Calixto fotografou a escultura em lugares próximos a sua residência, num canteiro com mato, no chão de terra, em cima de pedras e por fim, na rua (Fig.4).

O segundo trabalho foi a concepção de uma casa tridimensional (Fig.5) que surgiu da proposta de representação de uma casa bordada no papel. Ela realizou um projeto memorial descritivo e em três dias montou a casa de madeira e a inseriu em terreno localizado na rua Santa Cruz, centro da cidade de Pelotas, porém no dia da montagem o espaço estava cercado. Sendo assim, resolveu inserir em terreno próximo, na rua Alberto Rosa. O local apresentava resquício de uso, o mato não estava alto e existiam restos de madeira queimada indício que faziam fogueira ali para se aquecerem.

Outras referências importantes que se aproximam do trabalho da casa sem corpo, são produções de artistas que dedicaram a concepções corporais e seus aspectos plurisensoriais e a ativação dos sentidos. No trabalho "A casa é corpo" de Lygia Clark (1968), realizado nos anos 60, projeta aos participantes de suas proposições as experiências sensoriais de penetração, ovulação, germinação, expulsão dentro de uma instalação que representava o corpo. No trabalho “Corpo-Casa” (Fig.4) Calixto representa a invisibilidade de pessoas que não tem uma casa de concreto para habitar e na maioria das vezes, infelizmente, o que poderia ser teto, paredes e fios de eletricidade, acabam sendo peles e veias nas ruas da cidade. As casinhas em cima do corpo representam o sonho de muitos(as) brasileiros(os). No texto “O corpo utópico” o filósofo Michel Foucault (2003) revela:

“Corpo incompreensível, penetrável e opaco, aberto e fechado: corpo utópico. Corpo absolutamente visível – porque sei muito bem o que é ser visto por alguém de alto a baixo, sei o que é ser espiado por trás, vigiado por cima do ombro, surpreendido quando menos espero, sei o que é estar nu. Entretanto, esse mesmo corpo é também tomado por uma certa invisibilidade da qual jamais posso separá-lo”



Figura 4: Corpo- Casa, 2021, registro da autora

Ao olhar o trabalho “Os penetráveis, 1961-1980” de HÉLIO OITICICA Calixto revela que estamos habitando muitos cantos e centros da cidade e não percebemos onde estamos inseridos e como são esses espaços e ao caminhar pela cidade ela percebeu que existem muitas casas sem corpos como igualmente corpos sem casas. No trabalho Casa sem corpo (fig.5) faz uma provocação no terreno desabitado com uma casa de ripa de madeira que não possui paredes, ou seja, é só as arestas de uma casa, que lembra muitas construções existentes na cidade que conservam somente a fachada e partes da estrutura arquitetônica na cidade. Após a montagem durante o tempo que esteve no terreno até então ocupado, muitas pessoas olharam a casa ali, inclusive percebeu que alguns olhares pareciam estranhos. No dia seguinte o trabalho não estava mais ali, porém percebeu que nas paredes daquele terreno tinha uma marca de uma possível casa que existiu ali. Os vizinhos ficaram olhando até a hora que foi embora. Ela lembrou da citação do livro de Maria Helena Bernardes (2003, p. 32)

“De início, eu as chamava vagas por serem espaços vazios, mas logo, ampliei esse conceito pela experiência com os passantes, que se referiam a elas de forma invariavelmente periférica: “Por que a senhora olha tanto para isso se não tem nada aí?”. Comecei a pensar que algo estava errado, como se as vagas fossem, em si mesmas, um desvio. Eu via nitidamente o que via, mas as pessoas se inquietavam com o fato de eu olhar para algo que elas também viam, mas que, segundo elas, não existia. Eu ficava surpresa com essa referência tão clara a algo que não era nada.”

A artista e arquiteta Maria Helena Bernardes participou de uma exposição no museu do carvão e realizou uma intervenção numa vaga de rejeito em Arroio dos Ratos que envolveu conversas com a comunidade local e caminhadas na cidade. Ela achou um espaço vazio muito interessante com o formato de triângulo entre duas casas, com a ajuda da comunidade replicou

esse espaço de concreto em outro espaço vazio. Interessante é que ela pergunta para as pessoas o que é e o que pode ser esse lugar e surgem muitos nomes e suposições diferentes.



Figura 5: Casa sem corpo. Intervenção urbana 2021

Calixto assim como Bernardes provoca olhares em direção ao terreno vago, pois a “casa de palito” no terreno vazio aponta para o que ali não encontra-se mais e para o que poderia conter.

### **Montes nas janelas e nas miras de Duda Gonçalves**

Em 2020, na segunda semana de março nos recolhemos em casa, era a possibilidade de sobreviver a pandemia, mesmo sem saber sobre o que estava acontecendo em Pelotas, e em todo o mundo, mas com a certeza que seguiríamos os preceitos da ciência, conscientes que o Coronavírus era perigoso e que para combatê-lo era necessário distanciamento social e higiene constantes, das mãos, roupas, etc...

Naquele momento o recolhimento das ideias e dos movimentos sociais, culturais e artísticos foram sendo eximidos. No primeiro momento, nos primeiros dias, tudo ficou estacionado.

Em casa o tempo se espriava, dentro de casa a proteção em pensamentos lentos, lentidão da incerteza, e da certeza que na casa a gente se cuidava.

O processo de criação, ou melhor estar criando depende de um estado que é completamente diferente da tarefa do dia a dia, dos movimentos funcionais. Para criar é necessário desviar-se da rotina. E, indo ao ponto, encontramos na casa algo que afetaria o



encantamento do incomum. Na verdade e nos últimos dez anos os participantes dos projetos de pesquisa e do grupo de Pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas – DESLOCC (CNPq/UFPel) se deslocavam pelas ruas da cidade, pelos espaços públicos, olhando o espaço e enquadrando as paisagens. Duda Gonçalves, professora da UFPel, líder do Grupo de Pesquisa, sempre conduziu seus orientandos a caminhadas pelas ruas de Pelotas e região, encontrando outros modos de vê-la e compartilhá-la por meio da arte.

No estado do Rio Grande do Sul, mais ao sul, na cidade de Pelotas, um grupo de artistas, professores e estudantes de arte se desloca pela cidade, como tática para desviar dos efeitos alienantes dos fluxos funcionais. O ir e vir faz parte da vida na cidade. O cidadão percorre trajetos para ir ao trabalho, à escola, à faculdade, ao mercado, desempenhando funções recorrentes que têm como premissa chegar a algum lugar, desempenhar algum papel na sociedade capitalista – trabalhar, comprar, etc. O deslocamento dos participantes do Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas – DESLOCC (CNPq/UFPel), moradores da cidade de Pelotas, não tem como objetivo chegar a algum local e desse partir para outro, mas percorrer e perceber o percurso. A trajetória é mote para a produção poética e ao mesmo tempo a produção poética, dependendo do quanto e como a experiência no percurso afeta os que a percorrem. (GONÇALVES, 2018, p.2)

Na casa os deslocamentos vastos e sem rumo do Grupo foram sendo restringidos, e assim outros modos de deslocar-se pela cidade foram sendo concebidos, pequenos movimentos para ir a farmácia, para ir ao supermercado, a casa de familiares com receios e cuidados para não sermos contaminados, tampouco contaminar outros. Para curar a doença psicológica de estar o tempo inteiro diante de uma morte iminente, e/ou de um adoecimento incontrollável retomamos a produção artística e as orientações da pesquisa em arte a partir do ambiente doméstico.

Assim como Rafael, que encontrou as Intrapaisagens nos musgos que intensificam-se no inverno pandêmico no pátio, como a Bárbara que avistava os possíveis lotes vagos para inserir as casas sem corpos na web e nas janelas do quarto, Duda Gonçalves identificou nos monte de roupas empilhadas para lavar e depois de lavadas, um monte potente (fig.6). Montanhas da pandemia. A pilha crescia. Assim, as pilhas de roupa passaram a remeter às montanhas, que não costumava ver na topografia de Pelotas, mas que existia na cidade de Montenegro, onde Gonçalves havia morado por seis anos e onde iniciou o projeto de doutorado em poéticas visuais. Havia morado durante seis anos no pé da montanha montenegrina, o Monte São João.

Então as montanhas de roupa na casa viraram montanhas de muitas lembranças, as montanhas de pintura Sant Victoire (fig. 7), de Paul Cézanne, e assim acumuladas as calças, as

blusas, as meias, as toalhas para sonhar. As Montanhas Sagradas e encarnadas pelos antepassados de Krenak começaram a crescer na sala, nas cadeiras e na janela (fig. 8). Em algum momento as montanhas de roupas passaram a ser uma camuflagem dos dias da casa na face da artista.



Figura 6: Montes de roupas, 2020. Duda Gonçalves.



Figura 7: Montanha Saint-Victoire, pintura. Paul Cézanne (1839-1906).

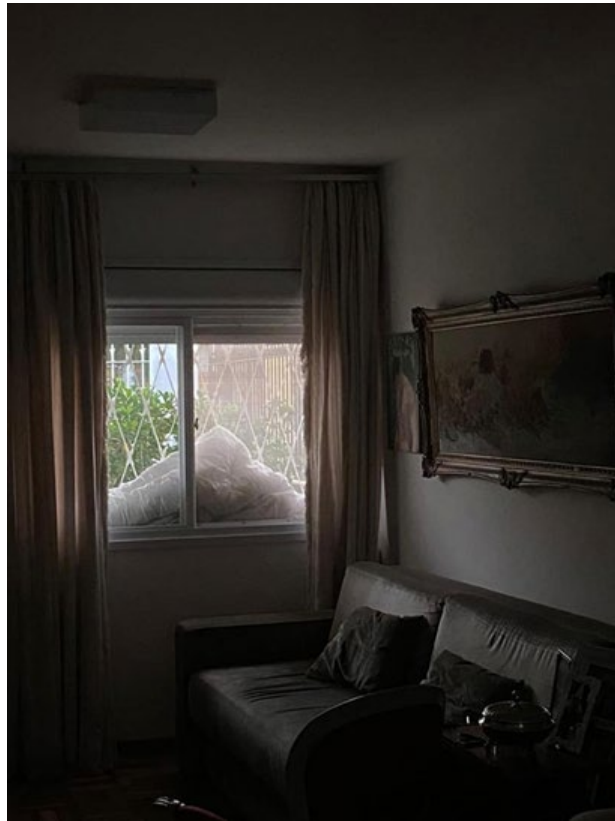


Figura 8: As montanhas na janela, 2021. Duda Gonçalves

As miras dos “cartões de vista mirante” (fig. 9), um trabalho artístico múltiplo, propositivo que tem furinhos num cartão do tamanho de vista, começaram a ser confeccionadas em imagens impressas das pilhas de roupas, como se eu pudesse me transformar nas coisas domésticas, me camuflar no resultado dos trabalhos domésticos. Isso porque, na casa, as tarefas diárias, cozinhar, lavar, varrer, etc se multiplicaram. A casa passava a ser fortemente o cenário da minha cotidianidade e de toda a minha vida e de minha filha. E tornaram-se protagonistas. Se antes se destinavam muitas horas ao convívio no espaço do trabalho e estudo, nos espaços da coletividade, fora da casa, agora todo o movimento antecedente suprimido passou a ser espreado no interior de nossas casas. O “cartão de vista mirante” era levado nos deslocamentos pelos espaços públicos, para que pudéssemos ver o mundo em detalhes e sem lentes, assim eram distribuídos às pessoas para que pudessem ver pelo buraquinho, contudo a partir de março de 2020, as miras foram inseridas nas imagens impressas das pilhas de roupa, imagens que reproduzem as paredes, a grades, as plantas, os objetos, as coisas da casa. Gonçalves registrou *selfies* das imagens em sua face, criando o autorretrato de montes de roupas da artista (fig. 10), professora universitária, mãe, filha e responsável por todas as atividades domésticas na pandemia do COVID 19.



Figura 9. “Carta de vista mirante”. Cartão do tamanho do cartão de visita 0.9 x 0.6. Os cartões são distribuídos e utilizados para assestar as coisas do mundo sem lentes. Duda Gonçalves



Figura 10. Autorretrato: Montes de roupas. 2020. Duda Gonçalves

## Conclusão

A produção artística em fotografia e em objetos foram compartilhados em exposições on-line, em ensaios visuais e no espaço urbano, como resultado da pesquisa em arte em andamento que revela um outro modo de conceber o sentido da vida na crise sanitária por meio

da ludicidade. Em 2021, depois de doze meses dedicados ao estudo sobre como continuar produzindo arte na pandemia e continuar promovendo os aspectos poéticos e cognitivos da arte, transformamos a casa num continente de procedimentos que evidenciam um modo de mover-se singularmente, com acuidade aos processos de ativação dos sentidos e indução aos pensamentos divergentes em contexto de vulnerabilidade sanitária, ou seja pensamentos que recriam, que desviam, que iluminam os exercícios banais e corriqueiros da casa em manifestações artísticas, por meio de sons, movimentos corporais, verbais e imagéticos. Revelamos como artistas em quarentena movimentam o processo de criação e dão a ver a condição humana durante a Pandemia, incubada no contexto doméstico, mas em conexão com as questões estéticas, sociais, culturais e de gênero. E, mesmo isoladas, encontramos dispositivos para fazer arte e compartilhá-la.

A proposta de atentar as circunstâncias da casa e pela janela foi destinada aos bolsistas de iniciação científica, aos orientandos de mestrado, participantes do Grupo DESLOCC e artistas amigos. Propusemos a atenção aos fazeres, movimentos, conversas, olhares, etc. no período de quarentena, para darmos a ver um modo de estar na casa e assim ativar a ludicidade. Sendo assim, estar em casa, numa condição protetiva contra um vírus revelasse a maneira pela qual nos colocamos numa condição libertária da arte. Para que, em meio a pandemia, consigamos nos colocar num estado de criação. Assim, surgiu a problematização da presente pesquisa: Como a casa pode ser o continente de procedimentos que evidenciem um modo de mover-se singular, com acuidade aos processos de sensibilização dos sentidos e indução aos pensamentos divergentes, ou seja pensamento que recria, que desvia, que desloca o banal e o hodierno manifestações que utilizam os meios linguísticos, sonoros, corporais, verbais e imagéticos poéticos? Como os afazeres diários colocam em relação os processos corriqueiros com o processo de criação – algo envolto por essencialidade? Como a condição humana incubada no contexto doméstico se conecta com a rua, com a cidade e com a criação artística? Como em minha casa me relaciono com as pessoas, com o mundo por meio de uma manifestação artística?

A Intrapaisagens, A casa sem corpo e os Autorretratos: Montes de roupa são resultado das táticas de investigação da pesquisa em artes visuais, que adota procedimentos de atenção às coisas ordinárias da e a partir da casa, e que mesmo que estejamos respeitando as restrições impostas pelos protocolos de segurança sanitária, nos fortalece e nos coloca na condição libertária da arte.

## Referências

- ALMACERGUI, L. T. **Guia de terrenos baldios de São Paulo: uma seleção dos lugares vazios mais interessantes da cidade**, Fundação Bienal de São Paulo, 2006.
- BACHELARD, G. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2008
- BERENSTEIN, Jacques, Paola Corpografias Urbanas. Revista Arquitectos, São Paulo, 08 de fev. 2008. Online. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos> Acessado em 03 ago 2021
- BERNARDES, Maria Helena. Vaga em Campo de Rejeito. São Paulo: Escrituras, 2003.
- CAUQUELLIN, A. A Invenção da Paisagem. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DANTO, A. C. O Abuso da Beleza. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Editora N-1 Edições, 2013.
- GANZ, L. Lotes vagos: ação coletiva de ocupação urbana experimental. **SciELO**, São Paulo, v.6, n.11, p.1-4, 2008. (Arquivo digital) Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ars/v6n11/13.pdf>.
- GRUPO DE PESQUISA DES..LOC.C. website. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/deslocc>. Acesso em: 05.08.2021
- GONÇALVES, Duda. O deslocamento como prática poética no sul do país [PELOTAS] – DESLOCC. Revista da FUNDARTE: Montenegro, 2018. Disponível em : <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/529/749>. Acesso em 06 de setembro de 2021
- MARQUES, A.N; JORGE, E. **Como se fosse a casa: uma correspondência**. Relicário, 2017.
- MOREIRA, VM. **Cidade passo: conversações entre arte, design e etnografia**. 2017. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura) - Curso de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.